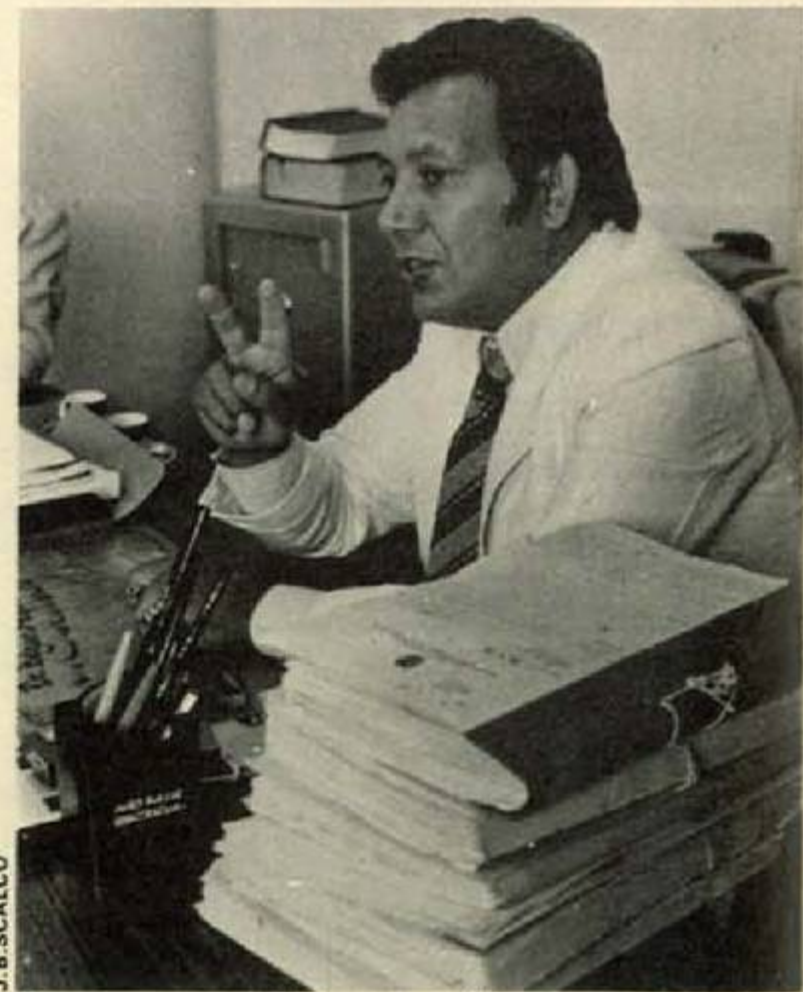


Vítimas e réus

Os uruguaiois também serão processados no Brasil

Lilian Celiberti, seus filhos Camilo e Francesca e Universindo Rodríguez Días foram seqüestrados e racambiados ilegalmente para o Uruguai, em novembro de 1978. Durante quinze meses, apesar do reconhecimento de dois policiais envolvidos no crime — Orandir Portassi Lucas, o "Didi Pedalada", e João Augusto da Rosa, o "Irno" —, a polícia gaúcha foi incapaz de identificar e punir os culpados. Agora, Lilian e Universindo, que já foram processados por subversão no Uruguai, onde estão presos, deverão ser processados no Brasil sob a acusação de falsa identidade.

Há dez dias, em uma operação de invejável eficiência, as provas do crime cometido pelos dois ex-exilados uruguaiois foram entregues pelas autoridades de Montevideu à Interpol, que as repassou à Polícia Federal brasileira. Trata-se de copiosa documentação sobre cédulas de identidade e passaportes falsos utilizados pelos dois no Brasil, que deverá ser entregue até o fim do mês à Justiça. Edgar Fuques, o mesmo funcionário da Polícia Federal que comandou um inquérito destinado a provar a inexistência do seqüestro — segundo o inquérito, os uruguaiois atravessaram voluntariamente a fronteira —, pediu e recebeu os documentos. ●



Fuques: quando quer, sabe apurar



Glauber afirma que só o PDS tem um programa de centro-esquerda

INTELECTUAIS

Reforço baiano

Glauber Rocha decidiu filiar-se ao PDS

Em 1974, numa célebre frase, o cineasta Glauber Rocha defendeu o diálogo com o presidente Ernesto Geisel e qualificou o ministro Golbery do Couto e Silva de "gênio da raça" — título com que homenageou também o ex-ministro da Educação de João Goulart, Darcy Ribeiro. Desde então na mira da esquerda, Glauber Rocha forneceu na semana passada mais munição aos mesmos círculos que, nos anos 60, costumavam festejá-lo como um dos heróis da esquerda. "Chegou a hora de os intelectuais se definirem", avisou o cineasta, hoje com 40 anos. Dado o aviso, anunciou sua adesão ao Partido Democrático Social, o PDS.

Ele pretende alistar-se na seção baiana do partido. "Ali existe uma base séria e responsável e o governador Antônio Carlos Magalhães é meu amigo", explicou. Para Glauber, "o programa do PDS é de centro-esquerda, onde me situo bem". Antes de escolher sua legenda, o cineasta procurou analisar o quadro gerado pela reformulação partidária — e, uma por uma, descartou todas as outras legendas, legais ou clandestinas: "O PMDB só pede a Assembleia Constituinte, o PT está recebendo o caos esquerdista, o PTB é uma tentativa de restaurar o passado e o PCB é um partido que não está preparado para receber novos quadros", resume Glauber. O PP talvez pudesse atraí-lo — "mas Tancredo Neves está

tomando posições reacionárias que prejudicam até Magalhães Pinto".

Até o final da semana passada, amigos e inimigos do cineasta evitaram comentar publicamente a decisão de Glauber. Hoje, porém, mesmo alguns de seus inimigos reconhecem que Glauber foi um dos raros intelectuais a arriscar-se apoiando o projeto de abertura do presidente Geisel. Com seus raciocínios tão audaciosos quanto pouco lógicos, Glauber explicou a razão de sua fé: "Eu, o general Geisel, Goddard e Brecht somos todos protestantes-fetichistas". Glauber apoiou a distensão quando estava em Paris sem qualquer perspectiva de benefício. Na ocasião o governo negava-lhe passaporte e, quando o deu, não o fez pela frase, pois, como a maioria dos que a ouviram, não lhe deu crédito por considerar seu autor "meio doido".

O abandono da postura esquerdista dos anos 60 e a iminente adesão ao PDS estão longe de configurar as únicas guinadas na movimentada trajetória de Glauber Rocha. "Sou um ex-maconheiro", diz ele, ao informar que deixou de usar drogas na década passada. Agora, ele pretende cobrar de outros artistas — "Tom Jobim e Chico Buarque, por exemplo" alguma definição partidária. Glauber não parece acreditar que sua atitude inspire gestos semelhantes: "O que estraga a maioria dos intelectuais brasileiros é que eles não têm mentalidade jornalística. São subjetivos", lamenta. Ele confessa, enfim, alguma dúvida sobre a recepção que lhe será oferecida na legenda que escolheu. "Nem sei se o partido me receberá", ressalva, "mas acho que sim. Afinal, o PDS não é propriedade do Estado." ●

FERNANDO PIMENTEL

J.B. SCALCO